



**Construindo uma nova vida: na margem das relações com o outro – ritos de casamento judaico em *Filipson*, de Frida Alexandr**

Building a new life: on the margin of relationships with others – Jewish marriage rites in *Filipson*, by Frida Alexandr

**Rodrigo Felipe Veloso\***

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) | Montes Claros, Brasil  
rodrigof\_veloso@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho pretende investigar sobre o tema das festas judaicas, em especial sobre o ritual do casamento judaico presente na narrativa *Filipson: Memória de uma menina na primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul (1904-1920)*, de Frida Alexandr. Isso porque na obra em estudo, têm dois capítulos que retratam essa temática, isto é, “O casamento de Zelde” e “O casamento de Adélia”. Zelde e Adélia são personagens que têm suas histórias narradas pelas memórias de Frida durante sua estadia de dezesseis anos na colônia judaica Filipson. Nesse sentido, intenta-se analisar a tradição do casamento judaico e, sobretudo, quanto aos rituais, significados, crenças e a implicação dessa tradição presente no contexto da sociedade moderna. Para isso, fundamenta-se com base nas postulações teórico-críticas de Michael Asheri (1995), Carmine Di Santi (2004), Arnold Van Gennep (2011), Regina Zilberman (2023).

**Palavras-chave:** Literatura Judaico-Brasileira. Frida Alexandr. Casamento Judaico.

**Abstract:** This work intends to investigate the theme of Jewish festivals, especially the Jewish wedding ritual present in the narrative *Filipson: Memory of a girl in the first Jewish colony in Rio Grande do Sul (1904-1920)*, by Frida Alexandr. This is because in the work under study, there are two chapters that portray this theme, that is, “Zelde’s wedding” and “Adélia’s wedding”. Zelde and Adélia are characters whose stories are narrated by Frida's memories during her sixteen-year stay in the Filipson Jewish colony. In this sense, the aim is to analyze the tradition of Jewish marriage and, above all, regarding the rituals, meanings, beliefs and the implications of this tradition present in the context of modern society. To do this, it is based on the theoretical-critical postulations of Michael Asheri (1995), Carmine Di Santi (2004), Arnold Van Gennep (2011), Regina Zilberman (2023).

**Keywords:** Jewish-Brazilian Literature. Frida Alexandr. Jewish Wedding.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Professor no curso de Letras Português, da Universidade Estadual de Montes Claros.



## Introdução

Sai de tua terra. É em busca da Terra Prometida que ele vai, mas ao fazê-lo paga o preço do desenraizamento e da frustração.

(Moacyr Scliar)

Tendo em vista que o texto literário *Filipson*, de Frida Alexandr representa uma narrativa de testemunho e memória do povo judeu residindo no Brasil, particularmente na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, destaca-se, em seu enredo os rituais, significados, crenças e a implicação da tradição presente no contexto da sociedade moderna descritos pelas memórias de Frida ao longo do tempo que seus familiares viveram na colônia de mesmo nome da obra, *Filipson*.

Nesse sentido, tal colônia surge no começo do século XX e perdura por cerca de vinte anos, bem como as vivências e experiências de seus moradores são rememoradas no texto em apreço e, além disso, compreende-se, pois, de que maneira o personagem judeu, imigrado de outros países e estando em terras brasileiras ainda permanece a ideia do ser estrangeiro em qualquer lugar, em qualquer espaço de travessia? De que maneira o desenraizamento das tradições judaicas surge à medida que a sociedade se transforma ao longo do tempo? Quais são as implicações desse processo de ser estrangeiro e romper com a tradição e como isso influencia no comportamento e condição social das personagens?

Nesse aspecto, a difícil integração do indivíduo que vive à margem da sociedade e mesmo sendo percebido enquanto unidade componente desta instaura-se, sobretudo, a perspectiva com a qual se intenta neste trabalho que se deve ao rito liminar e de margem presente em *Filipson*, haja vista que o casamento representa também um ritual, porém, de agregação, de unir-se ao outro, todavia, essa experiência inicialmente ainda se demonstra na liminaridade do processo de autoconhecimento do indivíduo, pois conhecer o outro é parte componente da construção da identidade do eu, que se mostra sempre em transição e metamorfose, espaço de reflexão e aprendizagem.

Na literatura brasileira de expressão judaica, e em especial em *Filipson*, de Frida Alexandr observa-se o diálogo da cultura tradicional judaica com a cultura brasileira. Chama-se atenção nesse quesito, porque manter e preservar a tradição judaica em meio a um novo lugar, que não é o de origem, remonta a possibilidade de declínio da tradição e perpetuação do aspecto moderno, ou como se percebe nas palavras da protagonista quando está no casamento de Zelde, a noiva insatisfeita com um ritual realizado com o seu penteado revela: “desfazem-lhe o belo penteado, deixando-a



toda desgrenhada. E a noiva realmente chora, mas de raiva e impotência contra essa bárbara tradição que se vê obrigada a respeitar”.<sup>1</sup>

Segundo pontua Henrique Ratner em seu livro intitulado *Tradição e mudança: comunidade judaica em São Paulo*,

A aculturação ou a aprendizagem de novos papéis da sociedade adotiva é sempre um processo complexo, afetando profundamente a personalidade e a identidade cultural dos indivíduos por ele atingidos. (...) o imigrante aprende novos hábitos e padrões de comportamento, enquanto crescem, também proporcionalmente, os problemas da segunda geração, nascida ou educada no novo ambiente sócio-cultural, diferente do tradicional e muitas vezes contraditório a este que, no entanto, continua a orientar a conduta dos pais.<sup>2</sup>

Nesse sentido, viver a dualidade, o paradoxo é inerente à condição judaica e fica latente ao perceber que elementos como assimilação e aceitação, exclusão e exílio são recorrentes, e que tem como um de seus temas o retrato das dificuldades, idealizações, ambições e nostalgias que decorrem da passagem dos ritos vivenciados pelo indivíduo mediante experiência liminar e marginal de todo o processo e sistema social, isto é, este se encontra numa interestrutura que representa a experiência da individualidade vivida, num período de isolamento e autonomia do grupo, e percepção de que ele está deslocado e visando uma nova condição e agregação de vida.

Esse sentimento duplo de medo e terror oriundos da guerra é latente na narrativa em estudo, porque os judeus de Colônia ainda sentem os efeitos disso e o clamor a Deus pedindo proteção é uma realidade que vivem cotidianamente.

O sol, ao entardecer, se punha num leito de sangue. Parecia uma enorme bola de fogo tingindo de vermelho todo o poente. Os judeus contemplavam-no estáticos. Longos suspiros fugiam de seus peitos. Gemiam. Lamentavam-se:

- Mau presságio! Mau presságio! O mundo está à beira de uma guerra! Esse pôr do sol é um aviso, é o sinal. A Terra se cobrirá de sangue e cadáveres!

- Deus todo-poderoso, não permitais! – oravam outros.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> ALEXANDR, 2023, p. 117

<sup>2</sup> RATTNER, 1977, p. 16.

<sup>3</sup> ALEXANDR, 2023, p. 89-90.



O universo assim representado em *Filipson* e na Colônia de mesmo nome é, portanto, um território instável, não permanente, de confronto de culturas e de busca por síntese, de unidade cuja dinâmica é, muitas vezes, determinada pela tentativa, nem sempre bem-sucedida, de superar polaridades, visto que os ritos de passagem surgem nessa tentativa do ir e vir, do estar e permanecer, de um ao outro estágio, entre dois mundos numa mutabilidade recorrente que se constitui como identidade em transição, ou conforme Seligmann-Silva<sup>4</sup> pontua sobre a inserção da Shoah na literatura brasileira, ou seja, é “extremamente marginal”, mas que existe uma pequena e importante parcela dela sendo produzida.

Conforme aponta Carlos Rizzini em prefácio sobre a obra *Filipson* publicada em sua primeira edição em 1967, menciona que o olhar do imigrante judeu e seus descendentes se mostra paradoxal, trânsito instável quanto à territorialidade e sentimento intrínseco, isto é, devido passado aterrorizante e mórbido a busca pela terra prometida se revela mero devaneio, universo utópico presente na mente inventiva e imaginativa dos esperançosos.

Aos seus olhos ingênuos, o mesquinho universo circundante, com laranjeiras e pitangueiras, o lago convidativo, a estação da via-férrea, os ritos misteriosos, as festinhas, a reinação na escola, as carreiras no Malacara, o gado amigo ao redor, e, ao longe, além-horizonte, suspeitadas atrações — era um universo trêfego e promissor. Mas, um universo constrangedor e melancólico para os que traziam os olhos cansados, pesados de outras imagens, incapazes de enxergar na monotonia do campo, na vagarosidade da natureza e no desfolhar dos dias, os elementos à pressa reclamados para a compensação dos passados infortúnios.<sup>5</sup>

Para tanto, verifica-se a necessidade de se investigar como a literatura brasileira de expressão judaica é produzida nesse período tido como “marginal”, bem como recortando dessa literatura uma análise crítica e textual focando nas estratégias de construção da memória e observando se a literatura da Shoah representa um ritual? O indivíduo em exílio se encontra no período de margem e liminar do processo ritualístico? Numa tentativa de aproximar arte e existência, sendo a personagem protagonista uma mulher e a narrativa sendo um livro de memórias, percebe-se nestas estratégias de enunciação que insubmissa, a figura do feminino (des)constrói o discurso do ser, estar no mundo?

---

<sup>4</sup> 2005.

<sup>5</sup> RIZZINI, 1967, p. 05.



Isso porque quando a literatura possui esse aspecto, a história narrada apresenta-se como um ritual que se liga à memória e, a personagem-protagonista, numa espécie de reinício, descreve-nos as experiências como se fosse a “primeira vez”, um retorno constante ao centro, ao núcleo das coisas. O rito, assim, “sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade”.<sup>6</sup>

Em *Filipson*, mais precisamente no capítulo “Templo” observa-se a união de todos os judeus em prol da construção de um local religioso (sinagoga) e esse ritual coletivo representa a chegada de mais imigrantes trazendo a Torá (rolos sagrados que contêm a cultura milenar dos judeus).

Ao som de cânticos sacros entoados por toda a comunidade, dirigiram-se todos, em procissão, ao templo, onde houve farta distribuição de bolos de mel e vinho. Dançaram com a Torá, como o fizera Moisés no deserto ao descer do monte Sinai para entregar aos israelitas as lápides sagradas onde Deus inscrevera a fogo as leis pelas quais os homens deviam reger-se.<sup>7</sup>

Nesse sentido, respeitar e zelar pela tradição judaica assinala a preservação das normas religiosas que orientam a vida social do indivíduo e organiza sistematicamente a comunidade a qual este faz parte.

## **1 Assim como o rio, a vida segue seu curso: o casamento judaico**

(Ela)

Noite após noite, busquei aquele que minha alma adora!...

O seu falar é cheio de meiguice e tudo nele me deslumbra e encanta!

Exatamente assim é meu amado e meu amigo...

Eu pertenço ao meu amado e meu amado é meu!...

(Do Cântico dos Cânticos, Shir Hashirim, do Rei Salomão).

O casamento é um rito de passagem e representa o momento de celebração da união dos opostos. O termo casamento é frequentemente empregado como aquele que abrange e se restringe “a união, socialmente reconhecida, de pessoas do sexo oposto.

---

<sup>6</sup> GENNEP, 2011, p. 10.

<sup>7</sup> ALEXANDR, 2023, p. 23.



[...] Sua importância como instituição social provém do fato de fornecer o casamento um fundamento estável para a criação e organização de um grupo conjugal”.<sup>8</sup>

Para Arnold Van Genep<sup>9</sup>, o rito de casamento se configura em um grande número de povos e possui forma e uma secção especial, autônoma, das cerimônias deste. Compreende ritos de separação e ritos de margem e termina por ritos de agregação preliminar ao novo meio ou de separação da margem considerada pelo estudioso como meio autônomo. Além disso, tem-se nos ritos de agregação uma concepção definitiva ao novo meio e regularmente, menos do que se acreditava a princípio, nos ritos de união individual.

O casamento judeu é uma cerimônia que acontece frequentemente no centro israelita e é conduzida por um rabino ou pelo *chazan*, isto é, uma pessoa que canta as orações. Os padrinhos dos noivos, por sua vez, reconhecem a união destes ao assinar a *ketubá* (contrato matrimonial escrito em aramaico que é dado aos noivos na cerimônia de casamento. É rico em adornos, ilustrações e contém muitas cores), que ficará com a noiva, simbolizando, sobretudo, a responsabilidade do marido para com sua esposa.

Vale ressaltar que também é costume o casal se encontrar no ato da cerimônia de casamento sob a *huppah*, um dossel ou pátio nupcial que representa o futuro lar e é feita de um veludo muito bordado, sustentado por quatro mastros, simbolizando, um novo lar que os recém-casados irão construir juntos, o local sagrado da fecundidade, bem como indica a benção infinita de Deus e a harmonia conjugal. Além disso, a *huppah* estando por cima da cabeça dos noivos sinaliza que estas duas almas estavam inicialmente interligadas e unidas, e, portanto, com a realização do casamento efetiva-se como uma reunificação.

O ato de colocar as alianças é o ponto mais importante do matrimônio judaico, porque concerne um ato de santificação. A aliança representa poder, autoridade, proteção e um círculo incondicional, perfeito e inquebrável. A partir de então, o casal é considerado, de fato, casados, conforme a Lei Judaica.

Ainda antes de colocar a aliança, o noivo recita a seguinte frase: “Com este anel, tu és consagrada a mim conforme a lei de Moisés e Israel”. Ademais, a *Ketubah* é lida na sequência em voz alta e são mencionadas as Sete Bênçãos aos noivos, que é “um hino de louvor a Deus pelas suas maravilhas, sendo que a maior delas é “a invenção do casal”, a criação do homem e mulher, um para o outro”.<sup>10</sup>

O rito matrimonial finaliza com a quebra de um copo contendo vinho, ou seja, todo o ambiente fica em silêncio e então o noivo quebra um copo com o pé direito, para

---

<sup>8</sup> LINTON, 2000, p. 173.

<sup>9</sup> 2011.

<sup>10</sup> DI SANTE, 2004, p. 205.



demonstrar que, mesmo em meio à alegria, é preciso lembrar a destruição do Templo Sagrado de Jerusalém e continuar a almejar pela sua reconstrução. Outra simbologia é que somos como vidro, que mesmo quebrado, pode ser reconstituído. Ao ouvirem o som do vidro quebrado, há alegria, dança e música novamente.

O rito de casamento confere uma unidade legítima dos nubentes com a sociedade, ou como lembra Gennep, o processo ritualístico do casamento vem associado depois da adolescência e puberdade social a um novo estágio caracterizado pela fundação de uma família. Ou como ele aponta: “esta mudança de categoria social é extremamente importante porque acarreta, pelo menos para um dos cônjuges, uma mudança de família, de clã, aldeia ou tribo”.<sup>11</sup> Sendo assim, o casamento é uma das formas de controle social, uma instituição social, tudo isso como espécie de ritual, um ritual de agregação ao outro, fundamental para se construir uma identidade social de um indivíduo inserido numa coletividade.

Conforme aponta ainda Gennep há uma mistura entre a relação dos períodos de adolescência, noivado e casamento, pois essas fases são inerentes na constituição dos ritos. “Assim é que o noivado constitui realmente um período de margem entre a adolescência e o casamento. Mas a passagem da adolescência ao noivado comporta uma série especial de ritos de separação, de margem e de agregação à margem”.<sup>12</sup>

## **2 A criação do casal, um para o outro: o passarinho constrói seu ninho**

(Ele)

[...]

Esposa minha e minha irmã, roubaste, sim, meu  
coração, apenas  
com um de teus olhares...

Quem é esta que surge como a aurora,  
tão bela como a lua e tão brilhante como o sol  
?...

Ó, como és bela, como és graciosa,  
minha amada, delícia de minha alma!...

(Do Cântico dos Cânticos, Shir Hashirim, do  
Rei Salomão)

Para o Zohar, que é à base da dimensão mística do judaísmo, ao descrever sobre o rito matrimonial revela que se trata da união de duas metades de almas assentadas em corpos separados, especialmente no sentido de quando a alma desceu a terra. Essas “almas gêmeas” serão integradas por meio do casamento. Apesar dos planos divinos na composição e junção de cada par, com efeito, a conclusão desse processo

---

<sup>11</sup> GENNEP, 2011, p. 107.

<sup>12</sup> GENNEP, 2011, p. 30



cabará ao indivíduo, pois ele tem o livre arbitrário e poder de escolher sua própria trajetória.

Conforme o preceito religioso de contexto bíblico, Deus ao criar o homem, criou também outro companheiro fidedigno que o seguisse ao longo da vida. "E disse o Eterno: "Não é bom que o homem esteja só".<sup>13</sup>E, portanto, Deus criou Eva a partir da costela de Adão e, dessa maneira declarou: "E é por isso que o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne".<sup>14</sup>

Nesse ínterim, a união do casal pelo matrimônio consagra uma instituição criada pelo mandamento divino e não pelo homem. Dessa maneira, o homem e a mulher foram criados sendo dois em um ou "tudo é um", ou seja, um único ser e, sobretudo, a união de opostos realiza plenamente a imagem e semelhança de Deus. Em linhas gerais, temos a Torá que enuncia: "Deus criou o homem à sua imagem. Na imagem de Deus, Ele os criou, homem e mulher. Ele os criou e os abençoou e lhes disse: 'Sejam fecundos, multipliquem-se'".<sup>15</sup>

Ao colocar o anel no dedo da noiva, o nubente diz as seguintes palavras: "seja consagrada (significando 'guardada') a mim por esse anel, segundo a lei de Moisés e Israel".<sup>16</sup>Compreende-se, pois, que a lei e o costume judeus não consideram à permanência de duas pessoas de sexos opostos, sozinhas, no mesmo local, no entanto, se forem casadas, sim. Asheri<sup>17</sup> comenta que a reclusão simbólica do casal indica a sua condição de casados e também que ela não é censurada, mas antes aprovada pela comunidade. A reunião geralmente dura apenas alguns minutos, o suficiente para conceder ao casal a oportunidade de se falar sem que outros estejam presentes, e costumeiramente de quebrar o seu jejum do dia do casamento com um pouco de vinho e com um pedaço de bolo – sua primeira refeição juntos, como marido e mulher.

No episódio intitulado "Casamento de Zelde", um aspecto ligado ao noivo é visto como paradoxal, visto que seu comportamento e escolha ideológica não vão ao encontro da tradição judaica:

o noivo vestido de negro dos pés a cabeça, verga sobre a própria figura. [...] Somente seus olhos têm vida e brilham das profundezas de suas órbitas. Dizem que é muito lido e tem

---

<sup>13</sup> GÊNESIS, 2:18.

<sup>14</sup> GÊNESIS, 2:24.

<sup>15</sup> GÊNESIS, 1:27.

<sup>16</sup> ROSENBERG, 1992, p. 180.

<sup>17</sup> 1995.





ideias anarquistas e que somente um anarquista se arriscaria a casar com Zelde.<sup>18</sup>

Vale lembrar que Zelde também é percebida sendo transgressora das normas judaicas e essa possibilidade do noivo dela possuir ideias anarquistas é criticada veementemente pelos convidados que, na dúvida do significado do termo “anarquista” questiona: “E que será um anarquista? Deve ser um homem terrível, pois quando pronunciam essa palavra o fazem com voz baixa até revelando certo receio. Onde e como terá a Zelde encontrado esse anarquista, meu Deus!”.<sup>19</sup>

O ritual do casamento dos nubentes remonta ajuda coletiva da família na organização da comemoração solene e o local da festa foi improvisado, bem como os convidados vieram de todas as colônias.

Os mais velhos foram à casa dos Schtivelman buscar o noivo. Os jovens, aproveitando-se da confusão reinante, esgueiravam-se por entre os pessegueiros pejados e suculentos frutos. [...]

O noivo vem vindo, ladeado dos padrinhos que o seguram pelos braços. Assemelha-se mais a um condenado a quem os guardas se preocupam e não deixar escapular.

Levam-no ao galpão, onde a noiva, sentada no trono improvisado, espera por ele para que lhe cubra o rosto com o véu.<sup>20</sup>

O noivo dito anarquista rompe com a tradição judaica, especialmente quando utiliza um traje, vestimenta na cor negra e, além disso, no acompanhamento de seus padrinhos ao altar, de certo modo, parece que ele está intimado a se casar com Zelde na intenção de se regenerar enquanto comportamento inapropriado no contexto religioso e social.

Vale ressaltar quanto às vestimentas para o casamento judaico, tradicionalmente, no caso da noiva, caso não tenha se casado antes, vestirá branco e portará um véu que é colocado pelo noivo sobre sua cabeça imediatamente antes da cerimônia. Em muitas comunidades, caso a noiva seja órfã e, especialmente, se o casamento se tornou possível pela comunidade, quem lhe coloca o véu é o rabino, que a abençoa simultaneamente com algumas palavras: “Irmã nossa, sejas tu a mãe de muitos milhares”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> ALEXANDR,2023, p. 117-118.

<sup>19</sup> ALEXANDR,2023, p. 118.

<sup>20</sup> ALEXANDR,2023, p. 116-117.

<sup>21</sup> ASHERI, 1995, p. 65.



Por outro lado, no caso do noivo, no judaísmo ortodoxo, ele usará um manto branco chamado *Kitel* (índice), iguala o que é usado no *Yom Kippur*, isto é, pelo calendário hebreu torna-se um dos dias mais significativos, uma vez que corresponde a um feriado no qual os judeus jejuam pelo tempo de vinte e cinco horas e mantém oração ininterrupta nesse período.

E o ritual do matrimônio segue com o canto das carpideiras que anunciam: “Chora, chora, noiva/ Para nunca perderes a graça/ Perante teu esposo e senhor!”.<sup>22</sup> Ironicamente, Zelde, “a noiva realmente chora, mas de raiva e impotência essa bárbara tradição que se vê obrigada a aceitar. [...] Tanto tempo perdido em frente ao espelho na arrumação do cabelo para essas velhas ignorantes a enfeitarem desse jeito!”.<sup>23</sup>

Após a cerimônia de casamento, no dia seguinte, Frida pergunta a mãe se Zelde havia casado e esta a interrompe pedindo que faça silêncio com um gesto de por os dedos nos lábios. Isso porque estavam aguardando os recém-casados se manifestarem para continuar com o ritual pós-matrimônio.

Os noivos estavam dormindo na sala em frente ao quartinho, a porta apenas cerrada por uma cortina de chita. Ouvi vozes lá dentro. A cortina afastou-se e a *machteineste* Guisse apareceu trazendo nos braços, como um troféu sagrado, um lençol amarfanhado. Chamou mamãe e todas as mulheres que, no momento, apontavam os filhos para levá-los de regresso às suas casas. A todos mostrou com grande orgulho algo existente no lençol. As mulheres, em coro, começaram a grasnar:

- *Mazeltov! Mazeltov!* (Parabéns! Parabéns!).<sup>24</sup>

A expressão “*machteineste*” traduzida do alemão significa “mais esperta”, ou seja, Guisse, mãe da noiva, logo, quando o dia nasce, mostra a todos o sangue impregnado ao lençol, sinal de que a noiva era virgem e, dessa maneira, a família da noiva mediante prova honra e preserva a tradição judaica e consagra o respeito da família por esta. Com isso, percebemos que Zelde era virgem e respeitou com sabedoria seu tempo de viver sua relação íntima com seu noivo, mesmo se comportando como transgressora diante das normas religiosas.

A outra expressão “*Mazeltov!*”, traduzido do hebraico significa “boa sorte”. É o momento de reverência de toda comunidade ao casal que respeitou a doutrina religiosa e o tempo de se entregarem um ao outro, o que simboliza que eles terão uma vida conjugal saudável e duradoura.

---

<sup>22</sup> ALEXANDR,2023, p. 116-117.

<sup>23</sup> ALEXANDR,2023, p. 116-117.

<sup>24</sup> ALEXANDR,2023, p. 118-119.



A partir de então, os recém-casados surgem de mãos dadas, “frescos e felizes”, pois estavam juntos e consagravam para a vida conjugal, o amor e o respeito mútuo. A Torá, por sua vez, nos mostra tal processo assim:

E eis que lhe imputou coisas escandalosas, dizendo: Não achei virgem tua filha; porém eis aqui os sinais da virgindade de minha filha. E estenderão o lençol diante dos anciãos da cidade. E o condenarão em cem *siclos* de prata, e os darão ao pai da moça; porquanto divulgou má fama sobre uma virgem de Israel. E lhe será por mulher, em todos os seus dias não a poderá despedir.<sup>25</sup>

Sendo assim, esse sinal indica certo alívio e resignação da família perante a comunidade no que tange à obediência às regras judaico-religiosas.

Um exemplo concreto do processo ritual enquanto manifestação das coisas do mundo social é descrito por Roberto DaMatta e pode associar a essa nova posição social que Zelde ocupa a partir de então, pois um dedo é apenas um dedo integrado a uma mão, e essa mão a um braço, e esse braço a um corpo. Mas, no momento em que se coloca no dedo um anel que marcará o status matrimonial de uma pessoa, esse dedo muda de posição. “Continua a ser um dedo, mas é ao mesmo tempo muito mais que isso. De fato, esse dedo é agora algo que pode ser destotalizado e visto como elemento independente, associado a um anel e a uma posição social”.<sup>26</sup>

Assim, o dedo é um elemento integrado ao aspecto biológico e natural dos humanos e, posteriormente passa a ser um símbolo de um conjunto de relações sociais, numa espécie de transposição de elementos de um domínio para outro. A mudança de comportamento social na vida de Zelde, de mulher-solteira a mulher-casada, estabelece à personagem o reconhecimento de habituar-se a um “novo estado”, situação que a possibilita viver no limiar desse processo, pois estando no período marginal.

O rito de casamento confere uma unidade legítima de Zelde e seu marido com a sociedade, ou como lembra Genep, o processo ritualístico do casamento vem associado depois da adolescência e puberdade social a um novo estágio caracterizado pela fundação de uma família. Ou como ele aponta: “esta mudança de categoria social é extremamente importante porque acarreta pelo menos para um dos cônjuges, uma mudança de família, de clã, aldeia ou tribo”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> DEUTERONÔMIO, 22-17;19.

<sup>26</sup> DAMATTA, 1997, p. 77.

<sup>27</sup> GENNEP, 2011, p. 107.



Para tanto, o casamento é uma das formas de controle social, uma instituição social, tudo isso como espécie de ritual, um ritual de agregação ao outro, fundamental para se construir uma identidade social de um indivíduo inserido numa coletividade.

### 3 O casamento judaico – um rito de passagem

Eu te consagro a Mim para sempre. Eu te consagro a Mim em misericórdia e em julgamento, e em amor, e em retidão. Eu te consagro a Mim em fidelidade, e tu conhecerás Deus (Oséias 2:21-22).

Em *Filipson*, de Frida Alexandr tem-se uma descrição memorialista das vivências de uma coletividade judaica no Brasil, em especial, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no começo do século XX e perdura por vinte anos.

Frida enquanto narradora de suas memórias em *Filipson* retrata, nesse percurso, o ritual festivo do casamento de Adélia e faz-se pertinente, a descrevermos vivendo, portanto, seus ritos liminares, ou seja, os ritos de margem que representam a liminaridade do processo, o indivíduo está na margem entre a sua vida antiga e a que está por surgir, dessa maneira, vivendo nesse estágio, este experimenta tanto o aspecto sagrado quanto o profano da vida, a fim de passar pelas transformações naturais desse processo.

Sendo assim, perceberemos no comportamento da noiva Adélia aspectos dicotômicos que pairam entre o antigo e o novo, entre a tradição e o moderno, entre o sagrado e o profano e, contudo, viverá etapas ritualísticas que a fará experiente nesse contexto sociocultural e religioso.

Nesse sentido, o ritual de casamento continua na narrativa em apreço quando outra personagem é tida com uma beleza irreparável. Adélia nos é apresentada pelas memórias da irmã Frida. “A fama de Adélia tinha transposto as fronteiras de Filipson, a ponto de atrair rapazes das cidades vizinhas que se punham a frequentar as festas realizadas [...]. Ela era a mais jovem e a mais bela de todas”.<sup>28</sup>

O namoro de Adélia com Jacob surge impulsionado pelos pais dela, pois eles conheciam a família do pretendente e ele retorna à casa da família depois de muitos anos de ausência. Em sua chegada à colônia Filipson foi recepcionado não somente pelos *mechuten*, os pais de Jacob, mas também, pelo pai de Adélia e, sobretudo, contrariando a mãe, ela resolve ir à companhia dos *mechuten*.

O trem é anunciado por um silvo agudo a chegar à estação numa tarde primaveril. Nesse momento, Adélia estava ansiosa e seus olhos atentos às janelas dos vagões e,

---

<sup>28</sup> ALEXANDR, 2023, p. 134.



de súbito, um rapaz alto e moreno está à sua frente, era Jacob. E ela, “[...] como oferenda foi empurrada pela *machteineste* (mãe de Jacob, Guitel) para os braços do jovem. E seus lábios se uniram num beijo, indiferentes à presença dos demais”.<sup>29</sup>

E no retorno à casa dos pais, Adélia e Jacob vivem um ritual de passagem envolvido nunca condição de cerimônia romântica típica das histórias de contos de fadas.

Jacob aprontou o cavalo e colocou-me em seu lombo. [...] Um doce murmúrio brotou dos lábios de Jacob. Adélia, embevecida, ouvia-o mantendo um silêncio sagrado. De súbito, o céu cintilou com a luz de milhares de estrelas. E eu, deslumbrada com o esplendor do espetáculo, perdi de assistir à cena do beijo entre os dois namorados.

Nunca o caminho me pareceu tão longo e tão repleto de significados. Descíamos declives e, novamente, subíamos os morros, num desejo de eternização. Por fim, avistamos a luz de nossa casa. Os cachorros, com alegres latidos, correram ao nosso encontro. Abriram a porta. Jacob, junto à cancela, fez as suas despedidas. Ouvi que prometia a Adélia uma vida de rainha e que não permitiria que suas mãos delicadas entrassem em contato com trabalhos penosos.

Dar-lhe-ia criadas e luxo e a faria feliz.<sup>30</sup>

Jacob revela, então, suas reais intenções aos pais de Adélia e o casamento, portanto, se consagrará. “É véspera do casamento de Adélia. Ultimam-se os preparativos com auxílio das vizinhas e amigas da noiva. Papai transporta os doces no carro de boi para a casa dos *mechuten* onde se realizará a cerimônia, pois o nosso galpão ruiu [...]”.<sup>31</sup>

O ritual matrimonial “é via legítima através da qual duas pessoas de sangue diferente – mas que também são, do mesmo sangue, “[...] – se tornam uma só carne”, dando origem aos filhos, nos quais os dois sangues estão misturados”.<sup>32</sup>Sob essa condição, acontece, primeiramente, o casamento civil que, para a colônia Filipson é um acontecimento inédito. “O juiz de paz veio de Santa Maria para esse fim. E, como há, entre os convidados e parentes, alguns pares casados somente no religioso, irão aproveitar a oportunidade para se casarem também perante a lei”<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> ALEXANDR, 2023, p. 135.

<sup>30</sup> ALEXANDR, 2023, p. 139-140.

<sup>31</sup> ALEXANDR, 2023, p. 175.

<sup>32</sup> WOORTMANN, 1995, p. 150.

<sup>33</sup> ALEXANDR, 2023, p. 175-176.



Para os judeus não há distinção entre lei e religião, elas seguem em comunhão na tradição judaica e, por isso, numa cerimônia matrimonial faz-se necessária à presença das testemunhas, isto é, estas servem para fundamentar a legalidade da lei. No casamento, temos a festa das “sete bênçãos” (ou última bênção). Baseado na tradição judaica, o casal vai para a lua-de-mel, haja vista que “a lei rabínica exige que o noivo ‘se rejubile com a noiva’ por sete dias”.<sup>34</sup> Os recém-casados retornando, pois, da lua-de-mel, fixará residência na casa marital e, então, tem início o ritmo da vida doméstica<sup>35</sup>. E assim, se instaura o ritual de casamento, porque “Depois da ceia foram servidos os doces e, logo após, os noivos abriram o baile como uma valsa vienense. Seguiram-se contradanças e polcas”.<sup>36</sup>

Nesse episódio do casamento de Adélia e Jacob quem ganha destaque é Frida, que é convidada para dançar por um pretendente e todos ao seu redor a fulminavam com o olhar. “Os olhos de minha mãe me acompanhavam, preocupados. Era difícil ignorá-los. Mas não quis estragar a felicidade que eu desfrutava pela primeira vez na vida. Fechei os olhos e decidi comigo mesma: ‘Sofrerei depois!’”.<sup>37</sup>

Os pais de Frida se revelavam preocupados com a filha, porque devido tal situação, a família poderia ser difamada por toda comunidade. O pai questiona a mãe sobre a educação concedida a Frida. “Mas o *mechuten* interrompeu-me, dirigindo-se à minha mãe: - Eu não lhe disse que há muito tempo que andasse de olhos abertos com essa menina? Se não tomar conta dela, coisa boa não vai dar, não”.

Mais uma vez, percebemos a ruptura das normas instituídas e respeitar a tradição, especialmente a judaica se torna difícil aos judeus descendentes envolvidos num contexto diferente daquele que seus pais cresceram e conviveram seguindo os preceitos e dogmas religiosos.

Mediante repúdio do pai pelo comportamento de Frida, esta se apresenta impaciente e com estado de raiva descreve: “Então, pela primeira vez na minha vida, odiei. Odiei o *mechuten* com suas malevolências. [...] E odiei-me a mim mesma por ter criado aquele caso, sem supor que estivesse fazendo algo errado”.<sup>38</sup>

Frida ao descrever sobre esse fato utiliza-se da metáfora do sapato velho e apertado, ou seja, ela se vê imersa numa tradição antiga e conservadora que não acompanhou a evolução do homem em sociedade e, por isso, se sente aflita e angustiada vivendo presa às mesmas normas religiosas. Ela cresceu e continua tentando usar o mesmo sapato velho e antigo que não lhe cabe mais, mas os seus pais a exige que lhe faça

<sup>34</sup> ALEXANDR, 2023, p. 176.

<sup>35</sup> GOLDBERG; RAYNER, 1989, p. 418.

<sup>36</sup> ALEXANDR, 2023, p. 176.

<sup>37</sup> ALEXANDR, 2023, p. 177.

<sup>38</sup> ALEXANDR, 2023, p. 178.



isso, que seja obediente e temerosa e, sobretudo, diante disso, compreende-se que ressignificar o discurso seja um ponto favorável na construção, renovação e obediência aos ditames religiosos.

Vale ressaltar que nos dois episódios da narrativa de *Filipson* em que analisamos os rituais festivos, no caso, o casamento, a metáfora do sapato velho e apertado, é descrita pela personagem narradora. Em “Casamento de Zelde”, por exemplo, Frida menciona: “Meus pais não puderam comprar-me um par de sapatos novos. Irei com os velhos mesmo. Ricachinevsky pôs-lhe uns remendos invisíveis, deixando-os quase novos, embora me apertem um pouco nos dedos em virtude de meus pés terem crescido”.<sup>39</sup>

Noutro episódio referente ao “Casamento de Adélia”, a protagonista descreve: “Odiei os sapatos de salto baixo que me apertavam os pés”.<sup>40</sup> Logo, a intransigência da personagem Frida em não se reconhecer como parte componente desse processo ritualístico ligado à liturgia judaica, bem como revela nessa metáfora um discurso ultrapassado que necessita ser (re)atualizado com vistas a integrar na unidade, o aspecto da diferença, com relação àquilo que há muito tempo está afastado ou nunca se integrou ao convívio religioso e que requer um olhar mais detido e participativo.

Portanto, analisar os ritos de casamento presentes em *Filipson* simboliza em essência a construção da identidade do eu com relação ao outro, uma vez que experimentar da matéria humana traduz numa etapa de agregação de conhecimento e entendimento de quem nós somos e quais valores devemos escolher para vivermos socialmente e religiosamente.

Com efeito, o rito de casamento emancipa e marca uma aliança que, a partir de então, une Zelde e o marido, Adélia e Jacob, pela complementaridade dos “dons” que são transmitidos, numa espécie de troca, onde o marido e a mulher interagem pela soma de habilidades e saberes compartilhados entre si e que são primordiais para a reprodução social e preservação dos ideais religiosos de cada família.

## Considerações finais

Percebemos que as experiências relatadas como memórias de Frida Alexandr, em *Filipson* tenta resgatar o mito da unidade perdida, visto que, o imigrante judeu ao se instalar no Brasil e fazer deste país o seu, pretende desenvolver sua cultura e manter preciosamente o respeito pela tradição e lei judaica.

Nesse aspecto, retratar as festas judaicas, em especial, aos casamentos de Zelde e Adélia remonta ao ato de consagrar uma vida que, ora se encontrava imersa na sociedade sendo vista como individual e passará, a partir de então, pelo viés

---

<sup>39</sup> ALEXANDR, 2023, p. 116.

<sup>40</sup> ALEXANDR, 2023, p. 178.



religioso, a ser coletiva, ou melhor, como este mesmo indivíduo unido a outro se tornará um só, “uma só carne”.

Portanto, Zelde e Adélia estão prontas para viverem mais um rito de iniciação, o que demonstra um aspecto característico de quem está na fronteira, na margem sempre em direção a encontrar um caminho de aprendizagem. Assim, observamos que as personagens vivem um período liminar e paradoxal em seus casamentos, porque essa fase direciona-se ao aspecto cotidiano, na qual as colocam em situações intermediárias (entre o sim e o não, entre o permanecer e o fugir), que a faz assumir personalidades que também são paradoxais e intermediárias, as quais a fazem gostar de coisas liminares e vivenciar sempre o desconhecido.

E desse modo, *Filipson* representou nesse trajeto investigativo o quão dinâmico, histórico e testemunhal é sua narrativa, particularmente sobre a cultura e tentativa de preservação dos dogmas judaicos e, sobretudo, o registro memorial da autora em forma de livro culminando, pois, em dois começos de vida – “o da criança que fica e o da jovem que, parte, sem planos de regressar”.<sup>41</sup>

## Referências

ALEXANDR, Frida. *Filipson: memórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo, Chão Editora, 2023.

ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. Tradução de João Anibal Garcia. São Paulo: Paulus, 2004.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDBERG, David; RAYNER, John. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. Tradução de Carlos Geiger. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

LINTON, Ralph. *O homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Editora Livraria Martins, 2000.

---

<sup>41</sup> ZILBERMAN, 2023, p. 342.





RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança: a comunidade judaica em São Paulo: Ática, 1977.*

RIZZINI, Carlos. Prefácio de Filipson. *In: ALEXANDR, Frida. Filipson: memórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul. São Paulo, Fulgor, 1967.*

ROSENBERG, Roy A. *Guia Conciso da História do Judaísmo: história, prática e fé. Tradução: Maria Clara de Biase. Rio de Janeiro: Imago, 1992.*

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora34, 2005.*

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo, Brasília: Hucitec/ Edunb, 1995.*

ZILBERMAN, Regina. Posfácio – Filipson: testemunho e memória. *In: ALEXANDR, Frida. Filipson: memórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul. São Paulo, Chão Editora, 2023.*

-----

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024